

Parte do Livro : PROCESSOS DE ENSINAGEM NA UNIVERSIDADE: PRESSUPOSTOS PARA AS ESTRATÉGIAS DE TRABALHO EM AULA – LÉA DAS GRAÇAS CAGARGOS ANASTASIOU – Ed. Joinville, SC, 2007

3 ESTRATÉGIAS DE ENSINAGEM

Leonir Pessate Alves

pessate@brwnet.com.br

Léa da Graças Camargos Anastasiou

leagc@bigfoot.com

3.1 INTRODUÇÃO

No quadro da imprevisibilidade, mudanças e incertezas atuais, deveremos continuar a atuar na sala de aula como se fazia no século passado? Considerando que os alunos, a cada ano, chegam à universidade trazendo novas e diferenciadas experiências em sua história de vida, poderemos estar atuando na “formatação” utilizada desde o descobrimento do Brasil e proposta na Ratio Studiorum, em 1599 ? Como trabalhar as relações, os nexos, a construção de quadros teóricos práticos previstos nos currículos universitários, altamente complexos, superando a forma tradicional de relação entre professor, alunos e conhecimento?

Nossa proposta situa o estudo e análise das estratégias de ensino e de aprendizagem diretamente relacionadas a uma série de determinantes: um Projeto Político Pedagógico Institucional, onde se define uma visão de homem e de profissional que se pretende possibilitar na Educação Superior; a função social da universidade; a visão de ensinar e de apreender; a visão de ciência, conhecimento e saber escolar; a organização curricular em grade ou globalizante, com a utilização de objetivos interdisciplinares (módulos, ações, eixos, problemas, projetos, etc).

É nesse contexto que se constrói o trabalho docente; é onde o professor se vê frente a frente com a necessidade e o desafio de organizá-lo e operacionalizá-lo. É também nesse contexto relacional que se inserem as estratégias de ensinagem.

3.1 INICIANDO PELA CONCEITUAÇÃO...

Uma primeira atenção se volta aos termos habitualmente utilizados para referirem-se aos meios ou processos que o professor utilizará na aula; encontra-se a expressão “técnicas, estratégias, ou dinâmicas”¹ de trabalho em sala de aula, usadas como sinônimos.

Para efeito dessas reflexões, pontuamos aspectos referentes a esses termos:

¹ Nos diferentes materiais publicados a respeito desta temática, temos encontrando o uso indistinto desses termos: estratégias ou técnicas. Para efeito desse material estaremos adotando o termo estratégias, como a arte de aplicar ou explorar os meios e condições favoráveis e disponíveis, visando a efetivação da ensinagem.

- Estratégias: do grego *estrategía* e do latim *strategiá* é a arte de aplicar ou explorar os meios e condições favoráveis e disponíveis com vista à consecução de objetivos específicos.
- Técnicas: do grego, *technikós*, relativo a arte. A arte material ou o conjunto de processos de uma arte, maneira, jeito ou habilidade especial de executar ou fazer algo.
- Dinâmica: do grego *dinamikós*, respeitante ao movimento e as forças, ou organismo em atividade ou, ainda, parte da mecânica que estuda os movimentos.

Pelo citado, verificamos a ênfase na atividade artística. Portanto, exige-se por parte de quem a utiliza, criatividade, percepção aguçada, que desperte no outro sensações ou estado de espírito carregado de vivência pessoal, profunda, renovadora e uma capacidade de por em prática uma idéia valendo-se da faculdade de dominar o objeto *trabalhado*.

Qual o objeto do trabalho docente? Não se trata apenas de um conteúdo, mas de *um processo* que envolve um conjunto de pessoas na construção de saberes – seja por adoção ou por contradição. Conforme já dito, todo conteúdo contém em sua lógica interna, uma forma que lhe é própria, e que precisa ser captada e apropriada para sua assimilação.

Para essa forma de assimilação, que obedece à lógica interna do conteúdo, utilizamos os processos mentais, ou as operações do pensamento. Por exemplo, na metodologia tradicional, a principal operação exercitada era a memorização; hoje, esta se revela insuficiente para dar conta do profissional que a realidade necessita.

Na metodologia dialética, como já discutido, o docente deve propor ações que desafiem ou possibilitem o desenvolvimento das operações mentais; para isso organiza os processos de apreensão de tal maneira que as operações de pensamento sejam despertadas, exercitadas, construídas, flexibilizadas pelas necessárias rupturas, através da mobilização, da construção e das sínteses, a serem vistas e revistas, possibilitando ao estudante sensações ou estados de espírito carregados de vivência pessoal e de renovação.

Nisso, o professor deverá ser um verdadeiro estrategista, o que justifica a adoção do termo *estratégia*, no sentido de estudar, selecionar, organizar e propor as melhores ferramentas facilitadoras para que os estudantes se apropriem do conhecimento.

AS ESTRATÉGIAS: ONDE CHEGAR COM ELAS...

Nesse processo de apropriação, o estudante efetiva construções mentais variadas. Tomamos por base a listagem das operações de pensamento de RATHS et alii (1977), que referem-se às ações mentais de comparação, observação, imaginação, obtenção e organização dos dados, elaboração e confirmação de hipóteses, classificação, interpretação, crítica, busca de suposições, aplicação de fatos e princípios a novas situações, planejamento de projetos e pesquisas, análise e tomadas de decisão e construção de resumos.

Todas essas operações participam da efetivação de uma metodologia dialética, voltada para o aluno, tomando sua síncrese inicial como ponto de

partida, a síntese a ser construída como ponto de chegada, através da análise, construída através dessas operações citadas. Nesse ponto é que se inserem as estratégias.

A estratégias visam à consecução de objetivos; portanto, há que ter clareza de onde se pretende chegar naquele momento, com o processo de ensinagem. Por isso, os objetivos que o norteiam devem estar claros para os sujeitos envolvidos – professores e alunos – e estarem presentes no contrato didático, registrado no Programa de Aprendizagem correspondente ao módulo, fase, curso, etc...

Através das estratégias aplicamos ou exploramos meios, modos, jeitos, formas, de evidenciar o pensamento, portanto, respeitando às condições favoráveis para se executar ou fazer algo. Esses meios ou formas comportam determinadas dinâmicas, devendo considerar o movimento e as forças, e o organismo em atividade. Por isto, o conhecimento do aluno é essencial para a escolha da estratégia, com seu modo de ser, agir, estar e sua dinâmica pessoal.

Outra referência é a lógica do conteúdo: um conteúdo predominantemente factual exigirá uma estratégia diferente de um procedimental². Além da lógica própria, o momento vivenciado pelos estudantes também é fundamental: estratégias usadas na mobilização comportam elementos novos e diferentes de estratégias de elaboração da síntese do conhecimento.

Lidar com diferentes estratégias não é fácil: entre nós, docentes universitários, existe um hábitus de trabalho com predominância na exposição do conteúdo, em aulas expositivas, ou palestra, uma estratégia funcional para a passagem de informação. Esse hábitus reforça uma ação de transmissão de conteúdos prontos, acabados, determinados. Foi assim que vivenciamos a universidade enquanto alunos... Também a atual configuração curricular e a organização disciplinar (em grade) predominantemente conceitual, têm a palestra como a principal forma de trabalho. E os próprios alunos esperam do professor a contínua exposição dos assuntos que serão aprendidos.

Quando o professor é desafiado a atuar numa nova visão, em relação ao processo de ensino e de aprendizagem, poderá encontrar dificuldades - inclusive pessoais - de se colocar numa diferenciada ação docente: geralmente esta dificuldade se inicia pela própria compreensão da necessidade de ruptura com o tradicional repasse.

Caso esse obstáculo seja vencido, ele ainda se vê diante de novos desafios para atuar de forma diferente: lidar com questionamentos, dúvidas, inserções dos alunos, críticas, resultados incertos, respostas incompletas e perguntas inesperadas (às vezes complexas, às vezes incompreensíveis para o professor, que chega a se questionar: de onde “ele tirou esta questão”, se o assunto que discutimos aqui é tão outro!...).

Também ocorre uma modificação na dinâmica da sala de aula, o que inclui a organização espacial, com o rompimento da antiga disciplina estabelecida. Ainda resta a incerteza quanto aos resultados: na estratégia da aula

² Sobre conteúdos factuais, atitudinais, procedimentais e ou conceituais, ver ZABALA, Antoni. Trad. Ernani Rosa. Como trabalhar conteúdos procedimentais em aula. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

expositiva se garantem a relação tempo/conteúdo com maior propriedade... pode-se até dividir o número de tópicos a serem repassados, pelo número de aulas ou palestras, e tem-se todo o “programa vencido”...

Vencer o programa não é garantia de ensino ou de aprendizagem. Nem de possibilitação do profissional necessário a realidade dinâmica e contraditória. *Assistir aulas* –como se assiste a um programa de TV e *dar aulas* como se faz uma palestra não é mais suficiente: estamos buscando modos de – em parceria - *fazer aulas*.

A ciência nos apresenta hoje a constatação de uma situação de movimento, de contradição, de enredamento, de mudança, incerteza, imprevisibilidade. Conforme descrito por Morin (.....) e citado anteriormente, no lugar do mecanicismo, a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização; no lugar do determinismo, a imprevisibilidade; no lugar da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; no lugar da ordem, a desordem; no lugar da necessidade, a criatividade e o acidente, e portanto, no lugar da eternidade, a história, história esta que é construída com a ação dos seres humanos num tempo e num espaço histórico. *O complexo é o que é tecido junto*. Isto altera radicalmente a visão e a expectativa de “causa-efeito”, típica do pensamento cartesiano e tão presente na nossa formação e na nossa forma de agir.

E aí vem o maior desafio: que as ações se fazem necessárias para lidar com toda esta dinâmica que hoje conhecemos? Para romper com as formas tradicionais memorizativas, estabelecidas ao longo da história, a saída tem sido a criação coletiva de momentos de experimentação, vivência, reflexão sistemática, com relatos de experiências feitos pelos colegas sejam socializados e onde dificuldades sejam objeto de estudo, visando a superação dos entraves.

Por isto, destacamos como uma das possíveis saídas, a realização de oficinas pedagógicas³ onde a experiência de cada um conta ponto na construção de um novo fazer pedagógico na sala de aula .

O CONTEXTO INSTITUCIONAL DAS ESTRATÉGIAS

Quando o professor participa de um colegiado que construiu coletivamente o Projeto Político Pedagógico⁴, a questão da definição de estratégias evolui rapidamente, pois já estão discutidos vários determinantes: a função de universidade, a visão de homem, de ciência, conhecimento e saber

³ Oficina pedagógica: estratégia de trabalho que possibilita estudar e trabalhar um tema/problema, sob orientação de um especialista, aliando teoria e prática. Possibilita o aprender a fazer melhor “o ofício”, mediante a aplicação e processamento de conceitos e conhecimentos previamente adquiridos. Uma experiência de trabalho em Oficinas com docentes da Educação Superior, pode ser verificada no Relatório do Processo de Profissionalização Continuada, 2000/ 2001 - UNERJ/USP, onde os docentes do Centro Universitário de Jaraguá do Sul - UNERJ se reuniam em torno de projetos de pesquisa da prática docente, utilizando as oficinas como forma de coletivizar avanços didático-pedagógicos e buscar, junto a seus pares, solução de problemáticas pendentes.

⁴ A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB n°. 9394/96, em seu artigo 12, estabelece ser competência do corpo docente a construção do Projeto Pedagógico e a associação da ação docente aos objetivos e processos nele estabelecidos.

escolar, de perfil profissiográfico, de objetivos gerais do curso, etc., que norteiam as escolhas de ações em sala de aula.

Nesse contexto, as condições concretas de trabalho também são habitualmente postas em discussão, facilitando a superação de uma série de dificuldades em relação às condições físicas, recursos materiais, ambientais, humanos, organização administrativa em relação aos fins pedagógicos; e não o inverso como costuma ocorrer.

Nas instituições em que processos de profissionalização já ocorrem como experiências sistemáticas, a adoção de novas maneiras de fazer a aula também se torna mais habitual. Isto porque já existe a preocupação com processos onde o aluno atua de forma significativa, responsável e com crescente autonomia, na busca da construção do conhecimento: supera-se o *assistir* pelo *fazer aulas*.

No entanto, mesmo que a instituição ainda não se constitua como impulsionadora desses processos, há a autonomia docente, que possibilita a implementação de estratégias diferenciadas, ainda que num nível de ação individual. Temos acompanhado processos onde os professores iniciam a mudança em duplas e ou grupos pequenos, que depois vão se ampliando numérica e qualitativamente.

INTRODUZINDO AS ESTRATÉGIAS...

Para facilitar a identificação, análise e utilização de estratégias de trabalho em grupo⁵, apresentamos um quadro que pode servir como norteador nas escolhas e acompanhamento dos processos de mudança na sala de aula.

Para construção desse quadro, que tem sido apresentado e discutido com os docentes em oficinas pedagógicas, desde de 2000, utilizamos publicações

⁵ Temos trabalhado em oficinas pedagógicas desde o ano de 2000, com inúmeros professores universitários e as estratégias aqui citadas, vem sendo trabalhadas com diferentes grupos docentes. Essas vivências têm possibilitado uma visão de credibilidade crescente quanto a capacidade criativa, de verdadeiros estrategistas, que os professores demonstram ao acrescentarem seu cunho pessoal sobre uma estratégia descrita de forma sintética.

diversas⁶. Esse é um material que tem sido bastante apreciado pelos professores, pois contém uma síntese de diferentes publicações sobre o assunto, acrescida das análises referentes à metodologia dialética, a ação de ensinagem, a organização curricular, papel do professor e aluno, enfim situam as estratégias em seu contexto determinante.

Na organização do quadro, iniciamos pela aula expositiva dialogada que constitui uma superação da aula expositiva tradicional. Ela foi tomada como estratégia inicial do quadro por ser, estatisticamente, a mais presente na sala de aula na universidade. O aluno chega na sala de aula esperando *assistir* a exposição do conteúdo pelo professor. Numa exposição dialogada ocorre um processo de parceria entre professores e alunos no enfrentamento do conteúdo: haverá um *fazer aulas*...

Na utilização das estratégias descritas no quadro, sugerimos considerar o princípio dialético da caminhada com o aluno, da síntese (ou visão inicial, não elaborada, caótica etc) para à síntese (que se constitui num resultado das relações realizadas, agora organizadas num quadro qualitativamente superior). Esse processo se dá pela análise, que é operacionalizada nas operações mentais sistematizadas nas estratégias. Ou seja, ao escolher e efetivar uma estratégia, o professor propõe aos alunos a efetivação de diversas operações mentais, num processo de crescente complexidade do pensamento.

Reforçamos que o ponto de partida é a prática social do aluno que, uma vez considerada, torna-se elemento de mobilização para a construção do conhecimento. Tendo o pensamento mobilizado, o processo de construção do conhecimento já se iniciou. É preciso cuidar que a elaboração da síntese do conhecimento, momento destacado na metodologia dialética, não fique desconsiderado. Ele possibilita a volta à prática social, já reelaborada, uma vez que o aluno construiu no pensamento e pelo pensamento a evolução do objeto de estudo pretendido.

⁶ Os autores buscados são: BORDENAVE (2001), MEIRIEU (1998), MASETTO (2003), MOREIRA, (1997), RATHS (1977), SEVERINO (2000), VASCONCELLOS (1995), VEIGA (1991).

Nessa evolução, as categorias sugeridas por Vasconcellos (1995): quais sejam a significação, a problematização, a criticidade, a práxis, a continuidade-ruptura, a historicidade e a totalidade, se efetivam interrelacionadamente e representam referências para o processo de análise na construção do conhecimento.

Com relação aos momentos dialéticos, mobilização para o conhecimento, construção do conhecimento e elaboração da síntese do conhecimento, destacamos que uma mesma estratégia pode objetivar perspectivas diferentes. Por exemplo, uma estratégia como a Tempestade Cerebral pode ser utilizada para mobilização, no início de uma unidade. Ela pode também servir como diagnóstico no transcorrer da unidade ou como fechamento no momento final de uma aula ou unidade: aí está a *arte docente*, em sua função de *estrategista*.

Outro ponto que é preciso destacar são as condições de efetivação das estratégias; nosso hábitus docente está muito centrado na aula expositiva (a tradicional, na maioria das vezes!), e já *dominamos* esse cenário. O mesmo não se dá com as demais estratégias, que exigem cuidados e diretividade, condução enfim, específicas.

Há estratégias onde, habitualmente, a contribuição do aluno é feita de forma individual diante de um coletivo, como é o caso do estudo de texto, da tempestade cerebral, da aula expositiva dialogada, da construção de mapa conceitual, do estudo dirigido, da lista de discussão e da solução de problemas. Elas podem ser vivenciadas também em duplas ou outras formas de organização.

Nelas, a expressão verbal do aluno é desenvolvida diante de todos os colegas, levando a se exporem as habituais críticas dos outros. Esse é um aspecto a ser considerado pelo professor, como um objetivo atitudinal a ser desenvolvido. A própria forma de o professor receber e acatar a contribuição do aluno, às vezes “tirando água de pedra” é determinante do clima de acolhimento essencial em processos coletivos de construção de conhecimentos.

REFLETINDO SOBRE OS GRUPOS EM CLASSE.

Com relação às estratégias grupais, é fundamental sua organização, sua preparação cuidadosa, o planejamento compartilhado e mutuamente comprometido com o aluno, que, como sujeito de seu processo de aprendizagem atuará ativamente: assim, os objetivos, as normas, as formas de ação, os papéis, as responsabilidades, enfim o processo e o produto desejados, devem estar explícitos, compactuados.

Pontuamos que as estratégias grupais constituem-se num desafio a ser reconhecido e enfrentado. Sabemos que a aprendizagem é um ato social, necessitando da mediação do outro como facilitador do processo; esse *outro* que estabelece a mediação entre o aluno e o objeto de estudo pode ser o professor, os colegas ou um texto, um vídeo, um caso a ser solucionado, um tema a ser debatido.

Habilidades de trabalho grupais, devidamente desenvolvidas, auxiliam no desabrochar da inteligência relacional, que abarca, segundo Osório (2003) a

inteligência intrapessoal (autoconhecimento emocional, controle emocional e automotivação) e a *inteligência inter pessoal* (reconhecimento de emoções de outras pessoas e habilidades em relacionamentos interpessoais). É preciso auxiliar no desenvolvimento da *inteligência relacional*, conceituada como a “capacidade dos indivíduos serem competentes na interação com outros seres humanos no contexto grupal em que atuam”.(Osório, L. C., 2003: 65-66).⁷

Reforçamos a idéia de que trabalhar num grupo é diferente de fazer parte de um conjunto de pessoas, sendo fundamental a interação, o compartilhar, o respeito à singularidade, a habilidade de lidar com o outro em sua totalidade, incluindo suas emoções. Isto exige autonomia e maturidade, algo a ser construído paulatinamente com os alunos universitários, uma vez que não vêm com estes atributos do ensino médio.

Lembramos que o que caracteriza o grupo não é a junção dos alunos, mas o desenvolvimento inter e intrapessoal, o estabelecimento de objetivos compartilhados, que se alteram conforme a estratégia proposta, o processo objetivado e seu processamento.

Numa atividade grupal de ensinagem os docentes precisam ter domínio de determinantes dessas estratégias. Inicialmente, não se organizam grupos apenas porque assim está proposto no Projeto Político Pedagógico, mas porque o objetivo que se tem em determinado momento do programa de aprendizagem solicita uma ação discente que será melhor executada se a estratégia grupal for ativada.

Além disto, é preciso dominar o processo, conhecendo suas etapas e preparando-as. A ação docente será tão ou mais exigida do que numa tradicional aula expositiva ou numa expositiva dialogada. Trabalhar para além do conteúdo é um desafio, que corresponde ao processo de autonomia a ser conquistado com e pelo aluno.

É preciso também considerar que as formas de organização grupal se alteram de estratégia para estratégia. Em todas elas está presente o desenvolvimento da habilidade de *conversar*. Etimologicamente, a palavra é composta de dois elementos: *con*, juntos e *versar*, que quer dizer mudar. Conversar com o outro pressupõe a abertura *para mudar junto com o outro*; de uma conversa bem sucedida ocorrerá em alguma mudança no pensar, no perceber, sentir ou agir dos envolvidos(Osório, 2003 :70).

Assim, estando os objetivos estabelecidos, os alunos saberão em que direção se encaminhar; estando claras as etapas, saberão as formas de encaminhamento do processo, previsto na estratégia grupal em ação. O professor precisa estar atento e disponível, conversando e acompanhando os processos e os grupos na sala de aula.

Inicialmente, e até que os alunos se soltem em atividades grupais, as contribuições de cada participante podem ficar mais restritas às discussões do pequeno grupo, expondo menos cada aluno. Quando ainda ocorre uma inibição no grupo, no momento da socialização da síntese, costuma ocorrer à indicação, pelo próprio grupo, de colegas que já trazem desenvolvidas habilidades de

⁷ Para uma melhor compreensão destes conceitos vide Osório, L.C., in Psicologia Grupal: uma nova disciplina pra o advento de uma era, Porto Alegre, Artmed, 2003.

exposição oral, desenvoltura e liderança. Cabe ao professor mediar no sentido de que todos possam desenvolver habilidades e atitudes de representatividade lembrando aos alunos que a sala de aula e a universidade é o lugar do treino, da aprendizagem, onde o erro não fere e deve ser a referência para a reconstrução e superação de dificuldades.

Participar de grupos de estudo permite o desenvolvimento de uma série de papéis, que auxiliam na construção da autonomia, do auto conhecimento do aluno, do lidar com o diferente, da exposição e da contraposição, do divergir, do sintetizar, resumir, enfim habilidades necessárias no desempenho do papel profissional, para o qual o aluno se prepara na universidade, local de ensaio, de acertos e de erros.

Com relação aos papéis, lembramos que eles inicialmente estão relacionados ao tipo de estratégia vivenciada. Aquela visão do líder autoritário e pleno de poder é hoje questionada:

“ Cada vez há menos espaço para a afirmação de lideranças carismáticas, oriundas do culto à personalidade na era da individualista da qual emergimos. Dos líderes de hoje e de amanhã será exigida uma peculiar habilidade para conviver com a pluralidade das expectativas humanas e que demonstrem capacidade em administrar conflitos que surjam nas relações interpessoais”. (Osório, Luiz Carlos, 2003:114).

O clima de trabalho é fundamental: é preciso estabelecer processos de parceria nos grupos, situando os papéis como articuladores na direção da consecução dos objetivos. Habitualmente são necessárias contribuições no sentido de coordenar a participação de todos, de controle de tempo, de registro dos dados, sínteses, de exposição dos resultados, de avaliação do processo, gerando então os papéis de coordenador, cronometrista, secretário, relator, expositor, e outros necessários ao funcionamento da estratégia.

A definição dos papéis pode ser feita por escolha, indicação, sorteio, eleição ou outro critério como o rodízio. É importante que a descrição dos papéis esteja clara para todos, o que facilita o desempenho, podendo-se iniciar com a indicação do professor e depois, paulatinamente, deixar aos grupos a escolha, a indicação ou eleição. Variar o desempenho de papéis auxilia principalmente aos alunos com dificuldades em processos interativos. A possibilidade do treino ou exercício dos papéis deve ser norteadora do clima grupal, visando o crescimento e autonomia crescente de todos. Um elemento auxiliar é, reiteramos, a reflexão de que a sala de aula é o lugar onde o erro não fere, pois é o espaço onde as aprendizagens podem ser sistematizadas, sob a mediação do professor e dos colegas.

Conduzidas desta forma e devidamente processadas, as atividades grupais possibilitam ao docente e aos discentes um contínuo crescimento pessoal e global. Todos os componentes já têm o papel de participante, sendo responsáveis inicialmente pelo desempenho pessoal: estudos preliminares, defesas de idéias, produção pretendida, respeito às normas estabelecidas.

Estas normas incluem cuidados, como a atitude do “conversar” , respeito às idéias do outro, negociar, ouvir, esperar a vez de falar, etc, além do desempenho de algum papel específico que lhe seja atribuído pelo grupo, como, coordenador, controlador de tempo, secretário, relator, etc, conforme a estratégia em ação.

A seguir, apresentamos as estratégias em quadros, possibilitando uma visão de conjunto de cada uma delas, destacando a identificação da estratégia, sua conceituação, as operações de pensamento predominantes, a descrição da dinâmica da atividade, acrescida de uma sugestão de acompanhamento e avaliação da mesma e de uma análise complementar, retomando alguns elementos relativos a metodologia dialética de ensinagem.

ESTRATÉGIAS DE TRABALHO DOCENTE⁸

| S T R A T É G I A | CONSISTE | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (Predominantes) | DINÂMICA DA ATIVIDADE | AVALIAÇÃO |
|---|--|--|---|---|
| 1 5 A u l a e x p o s i t i v a d i a l o g a d a | <p>Numa exposição do conteúdo, com a participação ativa dos estudantes, cujo conhecimento prévio deve ser considerado e pode ser tomado como ponto de partida. O professor leva os estudantes a questionarem, interpretar e discutirem o objeto de estudo, a partir do reconhecimento e do confronto com a realidade. Deve favorecer análise crítica, resultando na produção de novos conhecimentos. Propõe a superação da passividade e imobilidade intelectual dos estudantes.</p> | <p>Obtenção e organização de dados Interpretação Crítica Decisão Comparação Resumo</p> | <p>Professor contextualiza o tema de modo a mobilizar as estruturas mentais do estudante para operar com as informações que este traz, articulando-as às que serão apresentadas; faz a apresentação dos objetivos de estudo da unidade e sua relação com a disciplina ou curso.</p> <p>Faz a exposição que deve ser bem preparada, podendo solicitar exemplos aos estudantes – e busca o estabelecimento de conexões entre a experiência vivencial dos participantes, o objeto estudado e o todo da disciplina; É importante ouvir o estudante, buscando conhecer sua realidade e seus conhecimentos prévios, que podem mediar a compreensão crítica do assunto, e problematizar essa participação.</p> <p>O forte dessa estratégia é o diálogo, como espaço para questionamentos, críticas e solução de dúvidas: é imprescindível que o grupo discuta e reflita sobre o que está sendo tratado, a fim de que uma síntese integradora seja elaborada por todos.</p> | <p>Participação dos estudantes contribuindo na exposição, perguntando, respondendo, questionando...</p> <p>Pela participação do estudante, acompanha-se a compreensão e análise dos conceitos apresentados e construídos; Pode-se usar diferentes formas de obtenção da síntese pretendida na aula: de forma escrita, oral, pela entrega de perguntas, esquemas, portfólio, sínteses variadas, complementação de dados no mapa conceitual e outras atividades complementares a serem efetivadas em continuidade pelos estudantes.</p> |

A aula expositiva dialogada é uma estratégia que vem sendo proposta para superar a tradicional palestra docente. Há grandes diferenças entre elas, sendo que a principal e a participação do estudante, que terá suas observações consideradas, analisadas, respeitadas, independentemente da procedência e da pertinência das mesmas, em relação ao assunto tratado. O clima de cordialidade, parceria, respeito e troca são essenciais. O domínio do quadro teórico relacional pelo professor deve ser tal que “o fio da meada” possa ser interrompido com

⁸ Registramos a participação de Susana Hintz, professora da UNERJ e mestre em Educação pela UFSC, pelo incentivo de levar a idéia da elaboração desse quadro adiante.

perguntas, observações, intervenções, sem que o professor perca o controle do processo. Com a participação contínua dos estudantes fica garantida a mobilização, e criadas as condições para a construção e a elaboração da síntese do objeto de estudo. Conforme o objetivo pretendido, o professor encaminha as reflexões e discussões para as categorias de historicidade, de totalidade, de criticidade, práxis, significação e os processos de continuidade e ruptura.

| E S T R A T É G I A | CONSISTE ... | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante) | DINÂMICA DA ATIVIDADE | AVALIAÇÃO |
|--|--|---|--|--|
| I E s t u d o d e T e x t o | Na exploração de idéias do autor a partir do estudo crítico de um texto e/ou na busca de informações e exploração de idéias dos autores estudados. | Identificação Obtenção e organização de dados Interpretação Crítica Análise Reelaboração Resumo | Momentos: 1 Contexto do texto: data, tipo de texto, autor e dados do autor... 2 Análise textual – preparação do texto: visão de conjunto, busca de esclarecimentos, vocabulário, fatos, autores citados, esquematização. 3 Análise temática – compreensão da mensagem do autor: tema, problema, tese, linha de raciocínio, idéia central e as idéias secundárias. 4 Análise interpretativa/extrapolação ao texto – levantamento e discussão de problemas relacionados com a mensagem do autor. 5 Problematização – interpretação da mensagem do autor: corrente filosófica e influências, pressupostos, associação de idéias, crítica. 6 Síntese – reelaboração da mensagem, com base na contribuição pessoal. | Produção, escrita ou oral, com comentário do estudante, tendo em vista as habilidades de compreensão, análise, síntese, julgamento, inferências e interpretação dos conteúdos fundamentais e as conclusões a que chegou. |

Um estudo de texto pode ser utilizado para os momentos de mobilização, de construção e de elaboração de síntese. A definição do texto dependerá do objetivo que professores e estudantes têm para aquela unidade de estudo. A escolha de um material que seja acessível ao estudante e ao mesmo tempo que vá desafiá-lo, assim como o acompanhamento do processo pelo professor, são condições de sucesso nessa estratégia. São habituais as observações de docentes acerca da dificuldade de leitura e interpretação por parte dos estudantes. Se essas são habilidades constatadas como pouco desenvolvidas, elas devem se tornar objeto de trabalho sistemático na Universidade para todas as áreas de formação. Quando o hábito de leitura não estiver interiorizado, ficará mais fácil mobilizar o estudante para textos que se refiram à realidade, em especial, ao campo de trabalho futuro. Esses podem ser textos iniciais a serem acrescidos de outros com maiores especificidades de linguagem, conteúdos e complexidade da área em estudo.

Muitas vezes o professor trabalha um texto com os estudantes e pede um “resumo”; para resumir o estudante precisará identificar, interpretar, analisar, organizar os dados, sintetizar para obter a produção solicitada pelo professor. Resumir não é uma operação mental simples, ela exige o auxílio e o acompanhamento do processo pelo professor pelo menos nas primeiras tentativas. A construção de esquemas, feitos coletivamente com a classe, auxilia o trabalho individualizado.

| ESTRATÉGIA | CONSISTE ... | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante) | DINÂMICA DA ATIVIDADE | AVALIAÇÃO |
|--------------------------|---|--|---|--|
| 3 Tempestade cerebral | <p>Numa possibilidade de estimular a geração de novas idéias de forma espontânea e natural, deixando funcionar a imaginação. Não há certo ou errado. Tudo o que for levantado será considerado, solicitando-se, se necessário, uma explicação posterior do estudante.</p> | <p>Imaginação e criatividade Busca de suposições Classificação</p> | <p>Ao serem perguntados sobre uma problemática, os estudantes devem:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 Expressar em palavras ou frases curtas as idéias sugeridas pela questão proposta . 2 Deve-se evitar atitude crítica que levaria a emitir juízo e/ou excluir idéias. 3 Registrar e organizar a relação de idéias espontâneas; 4 Fazer a seleção delas conforme critério seguinte ou a ser combinado: <ul style="list-style-type: none"> . ter possibilidade de ser posta em prática logo, . ser compatível com outras idéias relacionadas ou enquadradas numa lista de idéias, .ser apreciada operacionalmente quanto a eficácia a curto, médio e longo prazo. | <p>Observação das habilidades dos estudantes na apresentação da idéias quanto a: capacidade criativa, concisão, logicidade, aplicabilidade e pertinência, bem como seu desempenho na descoberta de soluções apropriadas ao problema apresentado.</p> |

Trata-se de uma estratégia vivida pelo coletivo da classe, com participações individuais, realizada de forma oral ou escrita. Pode ser estabelecida com diferentes objetivos, devendo a avaliação se referir aos mesmos. Utilizada como mobilização, desperta nos estudantes uma rápida vinculação com o objeto de estudo; pode ser utilizada no sentido de coletar sugestões para resolver um problema do contexto durante o processo de construção, possibilitando que o professor retome a teia de relações e avalie a criatividade e a imaginação, assim como os avanços do estudante sobre o assunto em estudo. O professor precisa considerar que irão interferir na explicitação do estudante a prática social já vivenciada, que interferem nas relações efetivas. Numa atividade de tempestade cerebral vivenciada com professores universitários, somente para conhecimento da estratégia e de suas possibilidades, foi proposta a palavra chave “barata”, como desencadeadora da estratégia. Surgiram contribuições esperadas: medo, inseto, cozinha, sujeira, chinelo, inseticida, etc. Mas apareceu também a palavra “música”, que criou entre os participantes surpresas e incompreensão... qual seria o nexo

estabelecido? No momento da exploração, a explicação dada referiu-se à música infantil: “ a barata diz que tem sete saias de filó...”, que o participante ouvira naquela semana sendo cantada por sua filha. Este simples exemplo nos mostra a riqueza da possibilidade de diferentes conexões, pontos de chegada e de partida que os participantes trazem ao contexto... tudo tem um nexos pessoal, e nos resta, como mediadores do processo, dar o espaço para que o nexos seja explicitado, explorado, ampliando a teia relacional que a estratégia possibilita. Isto nos faz retomar o princípio já explicitado de que o *complexo é o que é tecido junto*. Essa forma se pressupõe, também, para elaboração da síntese.

| E S T R A T É G I A | CONSISTE ... | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante) | DINÂMICA DA ATIVIDADE | AVALIAÇÃO |
|--|--|---|-----------------------------|-----------|
| p o r t f o l i o | Na identificação, e na construção de registro e análise das produções mais significativas, ou identificação dos maiores desafios / dificuldade em relação ao objeto de estudo, assim como das formas encontradas para superação. | Interpretação Classificação Crítica Organização de dados Resumo | | |

| E S T R A T É G I A | CONSISTE ... | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante) | DINÂMICA DA ATIVIDADE | AVALIAÇÃO |
|--|--|---|---|--|
| 7 M a p a c o n c | Na construção de um diagrama que indica a relação de conceitos em uma perspectiva bidimensional, procurando mostrar as relações hierárquicas entre os conceitos pertinentes a estrutura do conteúdo. | Interpretação Classificação Crítica Organização de dados Resumo | O professor poderá selecionar um conjunto de textos, ou de dados, objetos informações, sobre um tema, ou objeto de estudo, de uma unidade de ensino e aplicar a estratégia do mapa conceitual propondo ao estudante a ação de: -identificar os conceitos chaves do objeto ou texto estudado; -selecionar os conceitos por ordem de importância; -incluir conceitos e idéias mais específicas; -estabelecer relação entre os | Acompanhamento da construção do mapa conceitual a partir da definição coletiva dos critérios de avaliação: conceitos claros, relação justificadas, riqueza de idéias, criatividade na organização e representatividade do conteúdo trabalhado. |

| | | | | |
|----------------------------|--|--|---|--|
| e i T u a l | | | conceitos por meio de linhas e identificar essas linhas com uma ou mais palavras que explicitem essa relação; -identificar conceitos e palavras que devem ter um significado ou expressam uma proposição; -buscar estabelecer relações horizontais e cruzadas, traçá-las; -perceber que há várias formas de traçar o mapa conceitual; -compartilhar os mapas coletivamente, comparando-os e complementando-os; -justificar a localização de certos conceitos, verbalizando seu entendimento. | |
|----------------------------|--|--|---|--|

Nos Programas de Aprendizagem cujo conteúdo é predominantemente conceitual, um dos desafios é construir com os estudantes o quadro relacional que sustenta a rede teórica a ser apreendida. A construção do mapa pode ser feita ao longo de todo um semestre ou se referir a apenas a uma unidade de estudo, tema, problemas, etc. O fundamental é a identificação dos conceitos básicos e das conexões entre esses conceitos e os deles derivados: isso leva a elaboração de uma teia relacional. Ao se confrontarem os mapas construídos individualmente e ou em grupos, os estudantes percebem que as conexões podem se diferenciar o que não acarreta em prejuízo, e sim, amplia o quadro perceptivo do grupo. Possibilita mobilização contínua, uma vez que o estudante tem que retomar e complementar o quadro durante toda a caminhada; possibilita construção do conhecimento que vai se ampliando na medida em que as conexões se processam e permite a elaboração da síntese numa visão de totalidade. O movimento de ruptura-continuidade é intenso nessa estratégia. Por tudo isso, o mapa conceitual, serve ao professor como ferramenta para acompanhar as mudanças na estrutura cognitiva dos estudantes e para indicar formas diferentes de aprofundar os conteúdos.

| E S T R A T É G I A | CONSISTE ... | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante) | DINÂMICA DA ATIVIDADE | AVALIAÇÃO |
|--|---|---|--|--|
| 18 E s t u d o d i r i g i d o | <p>No ato de estudar sob a orientação e diretividade do professor, visando sanar dificuldades específicas.</p> <p>É preciso ter claro: o que, para quê, e do como é preparada a sessão.</p> | <p>Identificação Obtenção e organização de dados Busca de suposições Aplicação de fatos e princípios a novas situações.</p> | <p>Prevê atividades individualizadas, grupais, podendo ser socializadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> -leitura individual a partir de um roteiro elaborado pelo professor; -resolução de questões e situações – problema, a partir do material estudado; -no caso de grupos de atendimento, debate sobre o tema estudado, permitindo a socialização dos conhecimentos, a discussão de soluções, a reflexão e o posicionamento crítico dos estudantes frente á realidade vivida. | <p>O acompanhamento se dará pela produção que o estudante vá construindo, na execução das atividades propostas, nas questões que formula ao professor, nas revisões que este lhe solicita, a partir do que vai se inserindo gradativamente nas atividades do grupo a que pertence.</p> <p>Trata-se de um processo avaliativo eminentemente diagnóstico, sem preocupação classificatória.</p> |

Essa estratégia exige a identificação dos estudantes que dela necessitam, para complementar aspectos não dominados do programa de aprendizagem pretendido. Pode então se direcionar a temas, problemas, focos específicos do objeto de estudo, referindo-se a aspectos pontuais e sobre os quais já se evidenciaram, com outros grupos de trabalho, dificuldades a serem retomadas.

Possibilita aos estudantes estudos específicos do conteúdo em defasagem, desenvolve reflexão e capacita os estudantes à retomada, individual ou coletiva, dos aspectos pontuais não dominados anteriormente. Pode se tornar um importante recurso didático que auxilia o professor a lidar com as diferentes sínteses, que os estudantes trazem no início da programação pretendida, substituindo ações habitualmente chamadas “de nivelamento” para entrada em novos níveis de complexidade dos conteúdos.

As dificuldades dos estudantes podem ser evidenciadas ao longo do processo de construção do conhecimento, sendo essa uma estratégia a ser efetivada no desenrolar do processo, antecedente ao seu fechamento, dando tempo ao estudante e ao professor da retomada necessária. Em se tratando de Programas de Aprendizagem com aspectos costumeiramente temidos pelos estudantes, por seu grau de abstração e dificuldades, o professor já pode ter preparado tópicos de estudo dirigido capazes de suprir os pontos nodais, já identificados.

| E S T R A T É G I A | CONSISTE ... | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante) | DINÂMICA DA ATIVIDADE | AVALIAÇÃO |
|---|---|---|---|---|
| L i s t a d e d i s c u s s ã o p o r m e i o s i n f o r m a t i z a d o | Na oportunidade de um grupo de pessoas poder debater, à distância, um tema sobre o qual sejam especialistas ou tenham realizado um estudo prévio, ou queiram aprofundá-lo, por meio eletrônico. | Comparação, observação, interpretação, busca de suposições, construção de hipóteses, Obtenção e organização de dados. | Organizar um grupo de pessoas para discutir um tema, ou vários subgrupos com tópicos da temática para realizar uma reflexão contínua, debate fundamentado, com intervenções do professor. que como membro do grupo, traz suas contribuições. Não é um momento de perguntas e respostas apenas entre estudantes e professor, mas entre todos os integrantes, como parceiros do processo. É importante o estabelecimento do tempo limite para o desenvolvimento da temática. Esgotando-se o tema, o processo poderá ser reativado a partir de novos problemas, | Essa é uma estratégia onde ocorre uma avaliação grupal, ao longo do processo, cabendo a todos este acompanhamento. No entanto, como o professor é o responsável pelo processo de ensinagem, o acompanhamento das participações, da qualidade das inclusões, das elaborações apresentadas, torna-se elemento fundamental para as retomadas necessárias, na lista e, oportunamente, em classe, |

A lista de discussão é utilizada para aprofundamento de objetos de estudo, tornando-se uma estratégia própria ao momento de construção e de elaboração de sínteses contínuas. O tema é estabelecido coletivamente, ou proposto pelo professor a partir do caminho já iniciado pelo grupo, podendo os estudantes participar com perguntas ou respostas completas e/ou parciais, elaborações de novos elementos conceituais ou confirmação dos já construídos, adesões e divergências, cabendo ao professor um acompanhamento do processo.

A participação dependerá do processo de mobilização efetivado e possibilita a construção do conhecimento através da problematização, significação, da práxis, da continuidade e ruptura, já citados nos elementos da metodologia dialética. Essa se constitui numa estratégia inovadora, que depende de algumas condições concretas para sua operacionalização⁹, porém que responde ao hábito já existente, por uma parcela da comunidade acadêmica, de consulta e acesso aos meios informatizados. De uma maneira geral, os estudantes gostam de utilizar-se da tecnologia e dos contatos informatizados.

⁹ Existe ainda parcela significativa de nosso alunado que não possui o acesso domiciliar a estes recursos, devendo o professor considerar este elemento, não como bloqueador do processo, mas como dado de realidade a ser considerado para exigências quanto à participação de todos os estudantes. As instituições superiores têm instalado, em sua infra estrutura, laboratórios que devem ser cada vez mais e melhor disponibilizados, inclusive com revisão dos horários e dias de atendimento.

| E S T R A T É G I A | ... CONSISTE | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante) | DINÂMICA DA ATIVIDADE | DA AVALIAÇÃO |
|---|--|--|---|--|
| 9 S o l u ç ã o d e p r o b l e m a s | No enfrentamento de uma situação nova exigindo pensamento reflexivo, crítico e criativo a partir dos dados expressos na descrição do problema; exige a aplicação de princípios, leis que podem ou não ser expressos em fórmulas matemáticas. | Identificação Obtenção e organização de dados Planejamento Imaginação Elaboração de Hipóteses Interpretação Decisão. | 1 Apresentar ao estudante um determinado problema, mobilizando-o para a busca da solução. 2 Orientar os estudantes no levantamento de hipóteses e na análise de dados. 3 Executar as operações e comparar soluções obtidas. 4 A partir da síntese verificar a existência de leis e princípios que possam se tornar norteadores de situações similares. | Observação das habilidades dos estudantes na apresentação das idéias quanto a sua concisão, logicidade, aplicabilidade e pertinência, bem como seu desempenho na descoberta de soluções apropriadas ao problema apresentado. |

Habitualmente quando se fala em estratégias de solução de problemas, pensamos em problemas matemáticos. Estes trabalham com modelos a serem aplicados distintamente a situações propostas pelos professores. Seu acompanhamento e avaliação seguem o modelo da racionalidade, associado ao desenvolvimento de atitude científica. Para além dele, essa estratégia vem sendo usada visando o desenvolvimento do pensamento reflexivo, crítico e criativo dos estudantes para situações e dados da realidade. Há currículos totalmente organizados em torno de resolução de situações problemáticas (PBL)¹⁰ e Programas de Aprendizagem onde a resolução de problemas aparece como uma estratégia, que vincula o estudante à área profissional em estudo.

Nestes casos o estudante mantém-se mobilizado, busca aplicar os conhecimentos construídos na direção da solução e na elaboração da síntese, uma vez que está diretamente interessado na resposta ou solução para a situação.

¹⁰ PBL: sigla utilizada para o Problem Basic Learnig, aprendizagem pela solução de problemas, que vem subsidiando algumas propostas curriculares dos cursos da área de Saúde, difundidas inicialmente no Brasil pelo modelo do curso de Medicina da Universidade Mack Master, do Canadá, através do vídeo de BAILEY, Allan. The nature of things: doctors of tomorrow. Canadá. 1975.

Existem Programas de Aprendizagem que mantêm nos laboratórios de informática, um banco de problemas, dos quais o estudante deve selecionar alguns para trabalhar. A estratégia de resolução de problemas contempla as categorias presentes aos processos de construção do conhecimento quando estimula ou amplia a *significação* dos elementos apreendidos em relação à realidade ou área profissional. . Exige uma constante *continuidade e ruptura*, no levantamento e na análise dos dados, e na busca e construção de diferentes alternativas para a solução. Possibilita a *práxis* reflexiva e perceptiva, a *problematização* – cerne e centro da própria atividade, a *críticidade* na identificação da solução, e a *totalidade*, pois tudo está interligado e mutuamente dependente.

| E S T R A T É G I A | CONSISTE ... | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante) | DINÂMICA DA ATIVIDADE | AVALIAÇÃO |
|--|---|--|--|---|
| P H i l i p s 6 6 | 1 Numa atividade grupal, onde são feitas uma análise e discussão sobre temas/ problemas do contexto dos estudantes. Pode também ser útil para obtenção de informação rápida sobre interesses, problemas, sugestões e perguntas. | Análise Interpretação, Crítica Levantamento de Hipóteses Busca de suposições Obtenção de dados. de | 1 Dividir os estudantes em grupos de 6 membros, que durante 6 minutos podem estar discutindo um assunto, tema, problema na busca de uma solução ou síntese final ou provisória. A síntese pode ser explicitada durante mais 6 minutos. Como suporte para discussão nos grupos, pode-se tomar por base um texto ou, simplesmente, o aporte teórico que o estudante já traz consigo. 2 Preparar a melhor forma de apresentar o resultado do trabalho, onde todos os grupos possam explicitar o resultado pelo seu representante. | Toda atividade grupal deve ser processada em seu fechamento. Os avanços, desafios e dificuldades enfrentadas variam conforme a maturidade e autonomia dos estudantes, e devem ser encaradas processualmente. A avaliação será feita sempre em relação aos objetivos pretendidos, destacando-se: .o envolvimento dos membros do grupo; .a participação conforme os papéis estabelecidos; .pertinência das questões e ou síntese elaborada. O processo de auto avaliação dos participantes. |

Essa é uma estratégia que pode ser utilizada com classes numerosas, pois os estudantes são agrupados em número de 6, e durante 6 minutos trabalham no levantamento de questões ou fechamento de um tema e têm mais 6 minutos para a socialização. Assim, tanto pode ser usada para os momentos de mobilização, quanto para a elaboração de sínteses. Permite excelente feedback ao professor a respeito de dúvidas que os estudantes tenham mantido sobre um assunto estudado ou em discussão.

A objetividade é bastante estimulada nessa estratégia, pela sua forma de organização que toma por base o n° 6: seis participantes, seis minutos para discussão e seis para socialização. Como o tempo é distribuído entre os grupos, o professor e os próprios estudantes, conseguem formular uma visão global dos avanços e dificuldades da classe. Aspectos atitudinais são sempre objeto de avaliação nas atividades grupais e podem ser estimulados e implementados gradativamente ao longo do trabalho escolar.

| E S T R A T É G I A | CONSISTE ... | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante) | DINÂMICA DA ATIVIDADE | AVALIAÇÃO |
|---|---|--|--|---|
| 4 G r u p o d e v e r b a l i z a ç ã o e d e o b s e r v a ç ã o (G | <p>Na análise de tema/ problemas sob a coordenação do professor, que divide os estudantes em dois grupos: um de verbalização(GV), e outro de observação (GO).</p> <p>E uma estratégia aplicada com sucesso ao longo do processo de construção do conhecimento, e neste caso, requerendo leituras, estudos preliminares, enfim, um contato inicial com o tema.</p> | <p>Análise Interpretação, Crítica Levantamento de Hipóteses Obtenção e organização de dados. Comparação. Resumo. Observação Interpretação.</p> | <p>1 Dividir os estudantes em dois grupos. Um para verbalização de um tema/problema e outro de observação.</p> <p>2 Organizá-los em dois círculos: um interno e outro externo, dividindo o nº de membros conforme o número de estudantes da turma. Em classes muito numerosas o grupo de observação será numericamente maior que o de verbalização.</p> <p>3 Num primeiro momento, o grupo interno verbaliza, expõe, discute o tema; enquanto isto, o GO observa, registra conforme a tarefa que lhe tenha sido atribuída. Em classes muito numerosas, as tarefas podem ser diferenciadas, para grupos destacados na observação.</p> <p>4-Fechamento: o GO passa a oferecer sua contribuição, conforme a tarefa que lhe foi atribuída, ficando o GV na escuta.</p> <p>4 Em classes com menor número de estudantes, o grupo externo pode trocar de lugar e mudar de função – de observador para verbalizador.</p> <p>5-Divide-se o tempo conforme a capacidade do tema em manter os estudantes mobilizados.</p> <p>6- O fechamento, papel fundamental do docente, deve contemplar os objetivos, portanto, incluir elementos do processo e dos produtos obtidos.</p> | <p>O grupo de verbalização será avaliado pelo professor e pelos colegas da observação.</p> <p>Os critérios de avaliação são decorrentes dos objetivos, tais como ;</p> <ul style="list-style-type: none"> -Clareza e coerência na apresentação; -Domínio da problemática na apresentação; -Participação do grupo observador durante a exposição; --Relação crítica da realidade . |

| | | | | |
|------------------|--|--|--|--|
| V G O) | | | | |
|------------------|--|--|--|--|

É uma estratégia que também pode ser utilizada quando o número de estudantes é elevado, pela subdivisão dos grupos em GO e GV. Na construção do conhecimento, essa dinâmica dá melhores resultados se utilizada para o momento de síntese, pois exige dos participantes inúmeras operações de pensamento tais como: análise, interpretação, crítica, obtenção e organização de dados, comparação, resumo, observação, etc. Essas operações não são simples, exigindo, inclusive, do professor e do estudante, um envolvimento que antecede a realização da própria estratégia com a realização de busca de informações através leituras em livros, revistas e ou internet, conforme o problema em questão.

| E S T R A T É G I A | CONSISTE ... | OPERAÇÕES DE PENSAMENT O (predominante) | DINÂMICA ATIVIDADE DA | AVALIAÇÃO |
|---|--|---|---|--|
| 5 D r a m a t i z a ç ã o | <p>Numa representação teatral, a partir de um foco problema, tema etc. Pode conter explicitação de idéias, conceitos, argumentos, e ser também um jeito particular de estudo de casos, já que a teatralização de um problema ou situação frente aos estudantes equivale apresentar-lhes um caso de relações humanas.</p> | <p>Decisão Interpretação, Crítica Busca de suposições Comparação. Imaginação.</p> | <p>Pode ser planejada ou espontânea. 1 No primeiro caso, o professor escolhe o assunto e os papéis e os distribui entre os estudantes, orientando sobre como atuar. 2 No segundo caso o planejamento pode ser deixado inteiramente por conta dos estudantes, o que dá mais autenticidade ao exercício. 3 É possível montar um círculo ao redor da cena para que todos observem bem a apresentação; 4 O professor informa o tempo disponível e pede que prestem atenção em pontos relevantes conforme o objetivo do trabalho; 5 No final, fazer o fechamento da atividade.</p> | <p>O grupo será avaliado pelo professor e pelos colegas. Sugestão de critérios de avaliação: -Clareza e coerência na apresentação; -Participação do grupo observador durante a apresentação; -Utilização de recursos que possam tornar a dramatização mais real; -Criatividade e espontaneidade.</p> |

É uma estratégia que tem várias finalidades. Possibilita o desenvolvimento da “empatia”, isto é, a capacidade de os estudantes se colocarem imaginariamente em um papel que não é o próprio. Traz à sala de aula um pedaço da realidade social, de forma viva e espontânea para ser observada e analisada pelos estudantes. Desenvolve a criatividade, desinibição, a inventividade e a liberdade de expressão. Em relação às dimensões da construção do conhecimento, pode ser utilizada especialmente, para os momentos de mobilização e de síntese. Na mobilização, como incentivo a mergulhar numa problemática real e como síntese, para verificar o alcance que o grupo realizou de uma problemática existente, em análise e ou discussão.

| E S T R A T É G I A | CONSISTE ... | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante) | DINÂMICA DA ATIVIDADE | AVALIAÇÃO |
|--|---|---|---|--|
| 6 S e m i n á r i o | Num espaço onde as idéias devem germinar ou serem semeadas. Portanto, espaço onde um grupo discuta ou debata temas ou problemas que são colocados em discussão. | Análise Interpretação, Crítica Levantamento de Hipóteses Busca de suposições Obtenção de organização de dados. Comparação. Aplicação de fatos a novas situações. | Três momentos: 1 Preparação – papel do professor é fundamental: -apresentar o tema e ou seleciona-lo conjuntamente com os estudantes; justificar sua importância, desafiar os estudantes, apresentar os caminhos para realizarem as pesquisas e suas diversas modalidades (bibliográfica, de campo ou de laboratório); -organizar o calendário para as apresentações dos trabalhos dos estudantes; -orientar os estudantes na pesquisa (apontar fontes de consulta bibliográfica e/ou pessoas/instituições) e na elaboração de seus registros para a apresentação ao grupo; -organizar o espaço físico para favorecer o diálogo entre os participantes. 2 Desenvolvimento: -discussão do tema onde o secretário anota os problemas formulados bem como soluções encontradas e as conclusões apresentadas. Cabe ao professor dirigir a sessão de crítica ao final de cada apresentação, fazendo comentários sobre cada trabalho e sua exposição, organizando uma síntese integradora do que foi apresentado. 3 Relatório: trabalho escrito em forma de resumo, pode ser produzido individualmente ou em grupo. | Os grupos são avaliados e exercem também a função de avaliadores. Os critérios de avaliação devem ser adequados aos objetivos da atividade em termos de conhecimento, habilidades e competências. Sugestão de critérios de avaliação: -Clareza e coerência na apresentação; -Domínio do conteúdo apresentado; -Participação do grupo durante a exposição; -Utilização de dinâmicas e/ou recursos audiovisuais na apresentação. |

A preparação do seminário e a garantia de funcionamento das diversas etapas de sua realização, se constituem em pressupostos importantes para um bom resultado do mesmo. Os estudantes precisam ter clareza prévia quanto aos diversos papéis que desenvolverão durante toda a dinâmica dos trabalhos. Enquanto que os grupos podem apresentar suas sínteses também por escrito, o professor precisa, além de fazer o fechamento após a apresentação de cada grupo, realizar síntese integradora ao final de todas as apresentações, a fim de garantir o alcance dos objetivos propostos para o seminário. No desenvolvimento dessa estratégia são atingidas as dimensões de mobilização para o conhecimento, enquanto se prepara, estudando, lendo,

discutindo a base teórica e prática de sua pesquisa e, ao mesmo tempo, já constrói o conhecimento e produz as possíveis sínteses. Essas dimensões vêm imbricadas, com enriquecimento e complementação mútuos.

| E S T R A T É G I A | CONSISTE ... | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante) | DINÂMICA DA | AVALIAÇÃO |
|---|---|--|---|---|
| 8 E s t u d o d e c a s o | Na análise minuciosa e objetiva de uma situação real que necessita ser investigada, relacionando-se os dados com os elementos da teoria estudada, sendo altamente desafiadora para os envolvidos. | Análise Interpretação, Crítica Levantamento de Hipóteses Busca de suposições Decisão | -O professor expõe o caso a ser estudado (distribui ou lê o problema aos participantes), podendo se utilizar de um caso para cada grupo ou o mesmo caso para diversos grupos; -o grupo analisa o caso, expondo seus pontos de vista e os aspectos sob os quais o problema pode ser enfocado; registra para o fechamento. Apresenta no grande grupo. -o professor retoma os pontos principais, analisando coletivamente as soluções propostas; -em se tratando de um único caso, a classe debate as soluções, discernindo as melhores conclusões. Papel do professor:selecionar o material de estudo, apresentar um roteiro para trabalho, orientar os grupos no decorrer do trabalho, elaborar instrumento de avaliação. Análise de um caso: 1 Descrição do caso: aspectos e categorias que compõem o todo da situação. Professor deverá indicar categorias mais importantes as serem analisadas. 2 Prescrição do caso: estudante faz proposições para mudança da situação apresentada. 3 Argumentação: estudante justifica suas proposições mediante aplicação dos elementos teóricos de que dispõe. | 1.O registro da avaliação pode ser realizado por meio de ficha com critérios a serem construídos conforme os objetivos propostos, tais como: -análise adequada dos dados do caso, para a compreensão do mesmo. -aplicação dos conhecimentos (a argumentação explícita os conhecimentos produzidos a partir dos conteúdos?) -coerência na prescrição (os vários aspectos prescritos apresentam uma adequada relação entre si?) -riqueza na argumentação (profundidade e variedade de pontos de vista) -síntese. |

A estratégia de Estudo de Caso oportuniza a elaboração de um forte potencial de argumentação junto aos estudantes e refere-se tanto ao momento de construção do conhecimento como da síntese. Os aspectos relacionados à mobilização para o estudo são determinantes para o envolvimento de todos no estudo e na busca de solução do caso proposto. O caso deve ser do contexto de vivência do estudante, ou de parte de uma temática em estudo. Quanto mais desafiador for o assunto, maior a possibilidade de se manter envolvidos os estudantes. Sendo um mesmo caso para toda a classe, as soluções podem ser comparadas entre os grupos, mas o processo do próprio grupo na busca da solução é que conta. Preponderam aqui tanto as categorias da construção do conhecimento como a da significação e da práxis.

| E S T R A T É G I A | CONSISTE ... | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante) | DINÂMICA DA ATIVIDADE | AVALIAÇÃO |
|--|--|--|---|--|
| 1 1 J ú r i s i m u l a d o | <p>Na simulação de um júri, em que, a partir de um problema, são apresentados argumentos de defesa e de acusação.</p> <p>Pode levar o grupo à análise e avaliação de um fato proposto com objetividade e realismo, à crítica construtiva de uma situação e à dinamização do grupo para estudar profundamente um tema real.</p> | <p>Imaginação Interpretação Crítica Comparação. Análise Levantamento de dados e Hipóteses Busca de suposições Decisão.</p> | <p>Partir de um problema concreto e objetivo, estudado e conhecido pelos participantes.</p> <p>Um estudante fará o papel de juiz e outro o de escrivão;</p> <p>-os demais componentes da classe serão divididos em quatro grupos: promotoria, de um a quatro estudantes; defesa, com igual número; conselho de sentença, com sete estudantes; e o plenário com os demais.</p> <p>A promotoria e a defesa devem ter alguns dias para a preparação dos trabalhos, sob orientação do professor;</p> <p>- cada parte terá 15 min para apresentar seus argumentos;</p> <p>-o juiz manterá a ordem dos trabalhos e formulará os quesitos ao conselho de sentença;</p> <p>-o escrivão tem a responsabilidade de fazer o relatório dos trabalhos;</p> <p>-o conselho de sentença, após ouvir os argumentos de ambas as partes, apresenta sua decisão final;</p> <p>-o plenário será encarregado de observar o desempenho da promotoria e da defesa e fazer uma apreciação final sobre sua desenvoltura.</p> | <p>Considerar, na apresentação, a concisão, clareza e lógica das idéias, a profundidade dos conhecimentos e a argumentação fundamentada dos diversos papéis.</p> |

A estratégia de um júri simulado leva em consideração a possibilidade da realização de inúmeras operações de pensamento como: defesa de idéias, argumentação, julgamento, tomada de decisão etc. Sua preparação é de intensa mobilização, pois além de ativar a busca do conteúdo em si, os aparatos de outro ambiente (roupas, mobiliário etc) oportunizam um envolvimento de todos para além da sala de aula. Ainda, a estratégia pode ser regada de espírito de dramaturgia, o que deixa atividade interessante para todos, independente da função que irão desenvolver na apresentação final. Essa estratégia envolve todos os momentos da construção do conhecimento, da mobilização à síntese, possibilitando ainda o envolvimento de todos os estudantes.

| E S T R A T É G I A | CONSISTE ... | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante) | DINÂMICA DA ATIVIDADE | AVALIAÇÃO |
|--|---|---|--|--|
| 1 2 S i m p ó s i o | <p>Na reunião de palestras e preleções breves apresentadas por várias pessoas (duas a cinco) sobre um assunto ou sobre diversos aspectos de um assunto.</p> <p>Possibilita o desenvolvimento de habilidades sociais; de investigação; amplia experiências sobre um conteúdo específico; desenvolve habilidades de estabelecer relações.</p> | <p>Obtenção de dados</p> <p>Crítica</p> <p>Comparação</p> <p>Elaboração de hipóteses</p> <p>Organização de dados</p> <p>Resumo.</p> | <p>Professor coordena o processo de seleção dos temas e planeja o simpósio juntamente com os estudantes conforme:</p> <ul style="list-style-type: none"> - divididos em pequenos grupos estudam e esquematizam apresentação com antecedência, organizando o conteúdo em unidades significativas, de forma a apresentá-lo em, no máximo de 1h e 30min, destinando de 15 a 20 min para a apresentação de cada simposiasta (apresentador do pequeno grupo); - O professor é o responsável pela indicação das bibliografias a serem consultadas para cada grupo, ou para cada subtema, a fim de evitar repetições; - Cada grupo indica o seu representante que exercerá a função de simposiasta e comporá a mesa apresentadora do tema; - Durante as exposições os simposiastas não devem ser interrompidos; <p>-o grande grupo assiste a apresentação do assunto anotando perguntas e dúvidas e encaminhando-as para o coordenador da mesa;</p> <p>-o coordenador da mesa resume as idéias apresentadas e encaminha às perguntas aos membros da mesa. Esse, não precisa ser necessariamente o professor, pode ser estudante indicado pelo grande grupo;</p> <p>Não há necessidade de um fechamento de idéias.</p> | <p>Levar em conta a concisão das idéias apresentadas pelos simposiastas;</p> <ul style="list-style-type: none"> -pertinência das questões apresentadas pelo grande grupo; -logicidade dos argumentos; -estabelecimento de relações entre os diversos pontos de vista; - conhecimentos relacionados ao tema e explicitados. |

O simpósio é uma estratégia que possibilita a ampliação do conhecimento tendo em vista que os conteúdos, ao serem subdivididos para serem melhor estudados, terão na sua apresentação múltiplos olhares, enriquecendo o tema gerador. Ele tem efeito multiplicador. O número de estudantes envolvidos não é pré-determinado, pois quanto maior o número de grupos, mais subtemas poderão ser explorados. Em relação às dimensões da construção do conhecimento, o simpósio recebe ênfase principal na mobilização e na própria construção do conhecimento. A esses, se acrescentam critérios como: de significação, de práxis, continuidade-ruptura, criticidade e de totalidade. Os expectadores do simpósio podem ser estudantes de outras fases, cursos etc.

| E S T R A T É G I A | CONSISTE ... | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante) | DINÂMICA DA ATIVIDADE | AVALIAÇÃO |
|--|--|---|---|--|
| 1 3 P a i n e l | Na discussão informal de um grupo de estudantes, indicados pelo professor (que já estudaram a matéria em análise, interessadas ou afetadas pelo problema em questão), apresentarem pontos de vista antagônicos na presença de outros. Podem ser convidados estudantes de outras fases, cursos ou mesmo, especialistas na área. | Obtenção e organização de dados Observação Interpretação Busca de suposições Crítica Análise | O professor coordena o processo de painel. -cinco a oito pessoas se colocam, sem formalidade, em semicírculo frente aos ouvintes, ou ao redor de uma mesa, para falar de um determinado assunto; -cada pessoa deverá falar pelo tempo de 2 a 10 minutos; -o professor anuncia o tema da discussão e o tempo destinado a cada participante; -no final, o professor faz as conexões da discussão para, em seguida, convidar os demais participantes a formularem perguntas aos painelistas. | Participação dos estudantes painelistas e da platéia analisando: a habilidade de atenção e concentração; síntese das idéias apresentadas; argumentos consistentes na colocação das idéias como nas respostas aos participantes. consistência das perguntas elaboradas. |

O painel como estratégia de trabalho em sala de aula pode ser utilizado em muitas situações. Como ele envolve mais pessoas discutindo entre si, torna-se mais interessante para os estudantes do que ouvir uma só pessoa, fazendo uma exposição. Nos momentos da metodologia dialética, ele pode ser aproveitado tanto para mobilização para o conhecimento, como de construção e ou mesmo, para o momento de elaboração de sínteses. Seu tempo, espaço, duração e preparação podem acontecer no próprio espaço de aula e não requer cuidado exacerbado. No entanto ao se convidar outros painelistas, precisa-se ter clareza se eles possuem domínio do conteúdo para favorecer discussões produtivas.

| E S T R A T É G I A | CONSISTE ... | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante) | DINÂMICA DA ATIVIDADE | AVALIAÇÃO |
|--|---|--|--|---|
| 14 Fórum | <p>Num espaço, do tipo “Reunião” na qual todos os membros do grupo têm a oportunidade de participar do debate de um tema ou problema determinado.</p> <p>Pode ser utilizado após a apresentação teatral, palestra, projeção de um filme, para discutir um livro que tenha sido lido pelo grupo, um problema ou fato histórico, um artigo de jornal, uma visita ou uma excursão.</p> | <p>Busca de suposições Hipóteses Obtenção e organização de dados Interpretação Crítica Resumo.</p> | <p>O professor explica os objetivos do fórum;</p> <ul style="list-style-type: none"> -delimita o tempo total (ex.: 40 min) e o tempo parcial de cada participante; - define funções dos participantes: <ul style="list-style-type: none"> . do coordenador que organiza a participação, dirige o grupo e seleciona as contribuições dadas para a síntese final; . do grupo de síntese que faz as anotações que irão compor o resumo; .do público participante - cada membro do grupo se identifica ao falar e dá sua contribuição, fazendo considerações e levantando questionamentos. - ao final um membro do grupo síntese relata resumo elaborado. | <p>A avaliação, estabelecida previamente, levará em conta a participação dos estudantes como debatedores e ou como público;</p> <ul style="list-style-type: none"> -habilidade de atenção e concentração; -síntese das idéias apresentadas; -apresentação de argumentos consistentes - e a produção da síntese. |

Um fórum bem planejado pode ser útil na construção do conhecimento, especialmente para os momentos de síntese do mesmo. Exige cuidadosa preparação prévia por parte dos estudantes, na busca de leituras, filmes, fatos, visitas etc., favorecendo de uma profunda mobilização. O espaço entre a preparação do fórum e sua efetivação não pode ser muito longo, evitando-se o risco de enfraquecer a dinâmica e empobrecer o alcance dos objetivos. É preciso dar atenção às temáticas ou problemas escolhidos para essa estratégia garantindo a participação de todos, nos diversos momentos do trabalho. Quanto às categorias da construção do conhecimento, a práxis e a significação têm aqui uma ênfase maior .

| E S T R A T É G I A | CONSISTE ... | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante) | DINÂMICA DA ATIVIDADE | AVALIAÇÃO |
|--|--|--|---|--|
| 1 6 O f i c i n a (l a b o r a t ó r i o o u W o r k s h o p) | <p>Na reunião de um pequeno número de pessoas com interesses comuns, a fim de estudar e trabalhar para o conhecimento ou aprofundamento de um tema, sob orientação de um especialista. Possibilita o aprender a fazer melhor algo, mediante a aplicação de conceitos e conhecimentos previamente adquiridos.</p> | <p>Obtenção e organização de dados Interpretação Aplicação de fatos e princípios a novas situações Decisão Planejamento de projetos e pesquisas Resumo</p> | <p>O professor organiza o grupo e providencia com antecedência ambiente e material didático necessário à oficina. A organização é imprescindível ao sucesso dos trabalhos. O grupo não deve ultrapassar a 15/20 pessoas. Pode ser desenvolvida através das mais variadas atividades: estudos individuais, consulta bibliográfica, palestras, discussões, resolução de problemas, atividades práticas, redação de trabalhos, saídas a campo outras</p> | <p>Participação dos estudantes nas atividades e a demonstração das habilidades visadas, expressas nos objetivos da oficina. Pode-se propor auto-avaliação, avaliação descritiva, ou pelos produtos obtidos no final do processo.</p> |

A oficina se caracteriza como uma estratégia do fazer pedagógico, criando o espaço de construção e reconstrução do conhecimento. É lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e

recriar, favorecido pela forma horizontal na qual a relação humana se dá. Pode-se lançar mão de músicas, textos, observações diretas, vídeos, pesquisas de campo, experiências práticas, enfim vivenciar idéias, sentimentos, experiências, num movimento de reconstrução individual e coletiva. Quanto aos momentos de construção do conhecimento numa Oficina, a mobilização, a construção e a síntese do conhecimento estão imbricados. Das categorias da construção do conhecimento a significação e a práxis são determinantes numa; no final das atividades os estudantes materializam suas produções.

| E S T R A T É G I A | CONSISTE ... | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante) | DINÂMICA DA ATIVIDADE | AVALIAÇÃO |
|--|---|--|--|---|
| 1 7 E s t u d o d o m e i o | <p>Num estudo direto do contexto natural e social no qual o estudante se insere, visando uma determinada problemática de forma interdisciplinar.</p> <p>Cria condições para o contato com a realidade, propicia a aquisição de conhecimentos de forma direta, por meio da experiência vivida.</p> | <p>Observação Obtenção e organização de dados Interpretação Classificação Busca de suposições. Análise Levantamento de Hipóteses. Crítica. Aplicação de fatos a novas situações. Planejamento de projetos e pesquisas.</p> | <p>1.Planejamento: os estudantes decidem junto com o professor o foco de estudo, os aspectos importantes a serem observados, os instrumentos a serem usados para o registro da observação e fazem uma revisão da literatura referente ao foco de estudo; 2.Execução do estudo conforme planejado; levantamento de pressupostos, efetivação da visita, da coleta de dados, da organização e sistematização, da transcrição e análise do material coletado. 3.Apresentação dos resultados: os estudantes apresentam as conclusões para a discussão do grande grupo, conforme os objetivos propostos para o estudo.</p> | <p>O planejamento e acompanhamento do processo deve ser contínuo. Normalmente os objetivos estão em referência direta com os elementos estabelecidos no roteiro de observação e coleta de dados, organizado no plano.</p> <p>As etapas de organização, análise e síntese devem ser acompanhadas, com as correções necessárias.</p> <p>O relatório final pode contemplar as etapas da construção ou se referir a elementos de extrapolação, dependendo dos objetivos traçados.</p> |

O estudo do meio possibilita aos envolvidos – professor e estudantes – uma revisão, um refletir sobre os dados da teoria que fundamentam objeto de estudo. Possibilita a vinculação do estudante à realidade, uma discussão dos elementos teórico que ainda respondem aos problemas e os que já se encontram superados. Como possibilita a aplicação de fatos a novas situações, a revisão de hipóteses, a organização e reorganização de dados, preparam o estudante para se flexibilizar, lidando com abertura diante de novos e inesperados elementos que a realidade dinâmica nos coloca. A mobilização é imediata, levando também a construção e elaboração de sínteses cada vez mais significativas, principalmente se os resultados dos grupos puderem ser socializados e ampliados.

| E S T R A T É G I A | CONSISTE ... | OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante) | DINÂMICA DA ATIVIDADE | AVALIAÇÃO |
|---|--|---|---|--|
| 19 E N S I N O C O M P E S Q U I S A | Na utilização dos princípios do ensino associado aos da pesquisa: Concepção de conhecimento e ciência onde a dúvida e a crítica sejam elementos fundamentais; assumir o estudo como situação construtiva e significativa, com concentração e autonomia crescente; fazer a passagem da simples reprodução para um equilíbrio entre reprodução e análise. | Observação Interpretação Classificação Crítica, resumo Análise. Hipóteses e busca de suposições Decisão, comparação e imaginação. Planejamento, obtenção e organização de dados Aplicação de fatos a novas situações. | Desfiar o estudante como investigador. Estabelecimento de princípios: movimento e alteração do conhecimento, solução de problemas, critérios de validação, reprodução e análise. Construção do projeto ; Definição do problema de pesquisa; Definição dos dados a serem coletados e dos procedimentos de investigação; Definição da análise dos dados. Interpretação /validação das suposições. Síntese e apresentação dos resultados Revisões e recomendações. | O acompanhamento do processo deve ser contínuo, com retroalimentação das fases já vivenciadas, assim como com as devidas correções em tempo. As hipóteses incompletas, dados não significativos, devem ser substituídas pelos mais adequados . Um cronograma de fases e ações auxilia no autocontrole, pelo estudante, ou grupo. Os critérios de valorização devem ser estabelecidos antecipadamente, e como são critérios construídos, podem ser reformulados no processo. |

O ensino com pesquisa oferece condições para que os estudantes adquiram maior autonomia, assumam responsabilidades, desenvolvam disciplina, tomada como habilidade de se manter no tempo necessário na busca da solução dos problemas até o esgotamento das informações, com treino de trabalho intelectual a ser supervisionado pelo professor. No contexto do ensino com pesquisa alguns princípios são fundamentais: o conteúdo é tomado como provisório, datado e resultado de investigação; novos estudos podem reformular o existente com novas perspectivas. Os critérios para validação do conhecimento são os de probabilidade, plausibilidade, demonstração, evidência lógica e empírica. Busca-se construir com o estudante a disciplina na persistência na busca de dados ou informações, na observação, leitura, redação, análise e síntese, até esgotar o problema. Para isto, é necessário uma busca de equilíbrio entre a reprodução das informações já existentes e as novas que a pesquisa possibilita, no desenvolvimento de pensamento claro, crítico, construtivo e autônomo. Difere do ensino para pesquisa, próprio da pós-graduação, quanto à autonomia do pesquisador já está mais avançada, exigindo a mediação docente na construção das atitudes científicas citadas. (Niuvenius, P.J., 1992) O processo de construção do conhecimento envolve tanto a mobilização, como a construção e a elaboração da síntese do conhecimento, geralmente levando o estudante a um vínculo maior com seu papel de acadêmico, construtor da realidade ou de sua

visão sobre ela. Trata-se de atividade extremamente complexa e necessária, devendo fazer parte das estratégias, sendo excelente preparação ao estágio, no caso dos currículos que ainda se organizam com um momento básico, outro profissionalizante.

BIBLIOGRAFIA

ANASTASIOU, L.G.C. Metodologia do Ensino Superior: da prática docente a uma possível teoria pedagógica. IBPEX, Curitiba, 1998.

_____. Desafios de um processo de profissionalização Continuada: elementos da teoria e da prática. Revista Saberes, UNERJ, ano 1, v. 1, maio/agosto 2000.

_____. Educação Superior e Preparação Pedagógica: elementos para um começo de conversa. Revista Saberes, UNERJ Ano 2, v. 2, maio/agosto 2001.

_____. Docência Como Profissão No Ensino Superior E Os Saberes Científicos E Pedagógicos. Revista Univille Educação e Cultura v.7, n. 1, junho 2002

_____. Relatório do Processo de Profissionalização Continuada, 2000/ 2001 - UNERJ/USP. Mimeo.

_____ e PIMENTA, S.G. Docência no Ensino Superior, V.I, São Paulo, Editora Cortez, 2002.

BORDENAVE (2001),

COELHO, I.M.A. A importância da Sala de aula para uma formação de qualidade. In Seminário Internacional de Administração Universitária, 4., 1993, Natal, Anais, Natal Editora Universitária, 1993 :115-22.

CUNHA, Maria Isabel . O Bom Professor e sua Prática. Campinas, Papyrus, 1992.

GAUTHIER, C. (org.) Por uma Teoria da Pedagogia. Pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Rio Grande do Sul, Ed. Unijui, 1998.

LEVY, P. As tecnologias da inteligência : o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LIMA, M.L.R. PEDAGOGIA . A aula universitária: uma vivência de múltiplos olhares sobre o conhecimento em situações interativas d ensino e pesquisa; in UNIVERSITÁRIA: A AULA EM FOCO VEIGA, I.A .P. E CASTANHO M.E.(Orgs). Campinas: papyrus. 2000.

MACHADO, N.J . Epistemologia e Didática: As concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente. São Paulo: Cortez, 1995.

MASETTO, M. T. O Professor Universitário em Aula. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

_____. Aulas Vivas. São Paulo: M.G Editores Associados, 1991

----- completar com onovo livro MASETTO (2003),

MASETTO, M. T. (org.) DOCÊNCIA NA UNIVERSIDADE .Campinas, SP: Papyrus, 1998.

MEIRIEU, P. APRENDER...SIM, MAS COMO? Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MORAN, J.M. Ensino e Aprendizagem inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas; in NOVAS TECNOLOGIAS E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

MOREIRA, (1997),

NIUVENIUS, Paoli. Ensino com pesquisa. Anais do V Forum da Pro-Reitoria de Graduação da UFPr-1992,

NOT, LOUIS Ensinando a Aprender. Elementos de Psico-Didática Geral. São Paulo : Summus, 1993.

Osório, L.C., in Psicologia Grupal: uma nova disciplina pra o advento de uma era, Porto Alegre, Artmed, 2003.

PIMENTA, S. G. Saberes Pedagógicos e Atividade Docente. *SP: Cortez, 1999.*

RATHS, Louis E. et Allii Ensinar a Pensar. São Paulo, EPU, 1977.

REBOUL, Olivier. O Que É Aprender. Coimbra, Portugal: Livraria Almedina. 1982.

RIOS, T. A . COMPREENDER E ENSINAR; POR UMA DOCÊNCIA DA MELHOR QUALIDADE. São Paulo, Cortez, 2001.

SEVERINO, A.J. A formação profissional do educador: pressupostos filosóficos e implicações curriculares. ANDE ,Revista da Associação Nacional de Educação,n.17, p.29-40, 1991.

SEVERINO (2000),

VASCONCELOS,Celso dos Santos. Construção do Conhecimento em Sala de Aula. São Paulo, Libertad, 1994(Cadernos Pedagógicos do Libertad;2).

VEIGA,

VYGOTSKY,L.S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1988.